

O verdadeiro significado de religião para Kardec [1]

Brasil Fernandes de Barros

Mais de 150 anos depois da codificação da doutrina espírita, ainda são frequentes os debates entre os seus fiéis a respeito do aspecto religioso do Espiritismo. A doutrina, codificada por Allan Kardec no século XIX, surgiu em meio a uma profusão de novas teorias e concepções científicas e filosóficas, tendo sido fortemente marcada pelo legado iluminista e pelos pensadores de sua época. Entender o porquê de Kardec ter afirmado que o Espiritismo não era uma religião e posicionar o Espiritismo em termos do que seja Religião é essencial.

INTRODUÇÃO

Denisard Hypolite Leon Rivail (1804-1869), eminente pedagogo francês, discípulo de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), se tornou muito conhecido por seu pseudônimo de Allan Kardec, nome que adotou quando publicou “O livro dos Espíritos”, a obra basilar do Espiritismo. Esse livro traz, logo na contracapa, a declaração de que o mesmo se trata de filosofia espiritualista (KARDEC, 2004, p. 3), algo sobre o qual os seus adeptos não têm dúvidas. Apesar disso, porém, a terceira maior religião brasileira (IBGE, 2010), com 3,8 milhões de seguidores, se debate com uma questão de identidade no que tange ao seu aspecto religioso. Um grande número de adeptos tem questionado se o Espiritismo é ou não uma religião, a ponto de existirem movimentos não reconhecidos pelos órgãos unificadores do Espiritismo [A], como o chamado espiritismo-científico ou filosófico-científico (CHAVES, 2013). Um dos pontos centrais dessa discussão é decorrente da afirmação de Kardec, que diz que o Espiritismo não é religião:

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que tem consequências religiosas, como qualquer filosofia espiritualista; por isso mesmo, vai ter forçosamente as bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu, o título de sacerdote ou de sumo sacerdote. (KARDEC, 2016, p. 232).

Não obstante Kardec tenha dito que a doutrina espírita não fosse uma religião, ele acreditava que a mesma deveria servir como elemento aglutinante às diversas religiões. Mas disse também, anos depois da publicação de “O livro dos Espíritos”, em seu discurso em reunião pública, na noite de 1º de novembro de 1868, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que “O Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto” (KARDEC, [1868] (2001)).

Quando iniciamos as nossas pesquisas sobre o Espiritismo, havia um desejo particular de identificar um “conceito de religião” que pudesse harmonizar-se de forma clara com o Espiritismo e, assim, oferecer um possível “alento” a essa discussão, que por tanto tempo tem se desenvolvido no meio espírita em relação ao seu aspecto religioso. Porém, essa busca confrontou-se logo em seus primeiros passos, a partir da afirmação de Benson Saler:

Como indica a literatura acadêmica sobre religião, não há critérios seguros, bem definidos e universalmente aceitos para diferenciar a religião da não-religião. (Alguns acadêmicos, de fato, propuseram rótulos como "quase-religiões" ou "semi-religiões" para indicar que vários fenômenos complexos se assemelham às religiões de alguma forma, mas não o suficiente em seus aspectos para justificar o rótulo indefinido de "religião".) Além disso, algumas religiões apresentam um volume maior de características típicas às quais associamos no nosso modelo geral de religião do que outras, e talvez uma maior elaboração dessas características do que é o caso em outros lugares. Algumas religiões, por assim dizer, são "mais religiosas" do que outras. (SALER, 2000, p. xiv, tradução nossa).

As afirmações de Saler nos levaram a constatações com significados inquietantes; primeiro, não há uma definição clara e universalmente aceita sobre o conceito de religião; segundo, há margens de discussão importantes para o assunto, as quais vislumbram a necessidade de compreender melhor o conceito de religião. Ao afirmar que possam existir religiões que são mais ou menos religiosas do que outras, Saler abre um leque para incluir o Espiritismo como uma religião, e de fato tem sido tratada como tal, conforme já afirmamos anteriormente, devido à maioria dos Espíritas, como demonstra o censo do IBGE de 2010. Apesar disso, existem discussões teológicas entre os seus seguidores que têm dificuldades de assumir essa postura de religião constituída, a partir das definições de Kardec, que não deixam clara a questão.

Com vistas a colaborar com essa discussão, este artigo tem a intenção de oferecer um referencial teórico, metodologicamente distanciado das paixões que envolvem aqueles que se dedicam à discussão do aspecto “religioso” do Espiritismo, de forma a fornecer reflexões a respeito do ambiente histórico em que essa doutrina foi cunhada. Para tentar compreender a questão, pretendemos, portanto, estabelecer um breve diálogo com os pensamentos de Kardec acerca do conceito de religião. É importante frisar, porém, que este diálogo será estabelecido em relação à época e também levando-se em consideração como a cultura⁷ influenciou o seu pensamento e o de seus contemporâneos. Falamos aqui de cultura, porque foi a partir de um modismo extremamente popular, denominado “as mesas girantes”, que surgiu o Espiritismo (KARDEC, 1998).

“RELEGERE” OU “RELIGARE”?

Os aspectos morais do Espiritismo guardam correspondência a esse pensamento quando escreve que:

Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus aderentes, homens de todas as crenças, e que nem por isso renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que praticam todos os deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramânistas. Há de tudo, exceto materialistas e ateus, porque essas idéias são incompatíveis com as observações espíritas. O Espiritismo, pois, repousa sobre princípios gerais, independentes de toda questão dogmática. É verdade que tem conseqüências morais, como todas as ciências filosóficas. Essas conseqüências são no sentido do Cristianismo, porque, de todas as doutrinas, o Cristianismo é a mais esclarecida, a mais pura, razão por que, de todas as seitas religiosas do mundo, são as cristãs as mais aptas a compreendê-lo em sua verdadeira essência. (KARDEC, [1859] (2001), grifo nosso).

Kardec não só reafirma a sua posição de independência de pensamento em relação à religião oficial, como ainda marca sua posição de uma perspectiva secular⁹, quando diz que os homens podem procurar suas crenças com liberdade. Estabelece também com clareza que entende o Cristianismo como sendo a sua referência maior de moral e religião. Ele complementa ainda, dizendo que o Espiritismo não é religião porque não possui cultos, templos, ritos ou ministros:

O Espiritismo não é, pois, uma religião. Se o fosse teria seu culto, seus templos, seus ministros. Sem dúvida cada um pode fazer uma religião de suas opiniões e interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância e creio que seria imprudência seguir tal idéia. (KARDEC, [1859] (2001)).

Com essas afirmações, é possível identificar que Kardec faz, sem sombra de dúvidas, um contraponto do Espiritismo com as religiões mais influentes de sua época, particularmente o Cristianismo, mas não se afasta do seu conceito particular de que religião se alinha ao “*religare*” de Lactâncio. Apesar disso, traz uma perspectiva secularizada do entendimento de religião, o qual aprofundaremos mais à frente, e separa esse conceito da instituição, ao falar da constituição de “nova Igreja”. Observe-se que ele não fala em Igreja Católica ou Igreja Protestante, mas em Cristianismo (com “C” maiúsculo), englobando, segundo o nosso ponto de vista, as duas vertentes religiosas como famílias de religião, já que o mesmo foi educado em instituição protestante em Yverdon, na Suíça, no Instituto Pestalozzi, tendo sido católico de batismo. Para ele, o Espiritismo não é, pois, religião, porque o Cristianismo é “A Religião” e que tem seus fundamentos nas questões morais (*religare*) e não de forma exterior (“*relegere*”); e o Espiritismo, como não possui as mesmas características, não poderia ser tratado da mesma forma.

Nos textos de Kardec, fica então evidenciada a preocupação com conseqüências morais e uma desvinculação com o culto exterior e com os ritos, o que deixa bem claro o alinhamento de Kardec com o “*religare*”, e não com o “*relegere*”.

A PERSPECTIVA DE KARDEC SOBRE A RELIGIÃO

Ao dizer que “não aconselha a ninguém que mude de religião” e que cada um pode “adorar a Deus à sua maneira”, percebemos ainda que Kardec alimentava em si a ideia de que não havia uma só religião e que cada um poderia escolher a sua. Além disso, acreditava que os fatos que ele pesquisava iriam trazer elementos palpáveis do mundo metafísico e que não seria papel do Espiritismo lidar com essa relação do ponto de vista teológico, já que a religião se ocupava de tal função. Apesar de dar crédito às religiões, Kardec tinha um conceito particular a respeito do Cristianismo, como já falamos. Outra questão, que é mais importante por sinal, é que ele põe a religião e o Espiritismo em “lugares” separados e não conflitantes, sendo, porém, complementares. Com essas afirmações, Kardec faz a compatibilização de algo que o antropólogo Clifford Geertz (1978) anos mais tarde diria não ser possível “A Perspectiva Religiosa” e a “Perspectiva Científica”.

Apesar de Kardec não ter tido a pretensão de criar uma religião, desde o princípio muitos ao seu redor encaravam o Espiritismo dessa forma, inclusive a Igreja Católica. Em 13 de abril de 1859, o Abade de Chesnel publicou no jornal “*L’Univers*” um artigo intitulado “*Une religion nouvelle à Paris*”, em que o mesmo tratava do Espiritismo como uma religião. Em resposta, Kardec publicou na Revista Espírita de Maio de 1859 um artigo fazendo questão de esclarecer as atividades e objetivos das reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, deixando claro a sua característica não ritualística e descaracterizando-a como religião:

a denominação Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas não se assemelha ao de nenhuma seita; tão diferente é o seu caráter que seu estatuto proíbe tratar de questões religiosas; está classificada na categoria das sociedades científicas, porque, com efeito, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos que resultam das relações entre os mundos visível e invisível; tem seu presidente, seu secretário e seu tesoureiro, como todas as sociedades; não convida o público às suas sessões; ali não se faz nenhum discurso, nem coisa alguma que tenha o caráter de um culto qualquer. Conduz os seus trabalhos com calma e recolhimento, primeiro porque é uma condição necessária para as observações e, segundo, porque sabe que devem ser respeitados aqueles que não vivem mais na Terra. Ela os chama em nome de Deus porque crê em Deus, em sua Onipotência e sabe que nada se faz neste mundo sem a sua permissão. Abre as sessões com um apelo geral aos Espíritos bons, uma vez que, sabendo que os há bons e maus, cuida para que estes últimos não venham se misturar fraudulentamente nas comunicações que recebe e induzi-la em erro. O que prova isso? Que não somos ateus; mas de modo algum implica que sejamos partidários de uma religião. (KARDEC, [1859] (2001)).

Aqui há de se pontuar que ele havia dito que o Espiritismo “não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos, e que, entre seus adeptos reais, nenhum tomou o título de sacerdote ou de sumo sacerdote” (KARDEC, 1984, p. 260-61). Até aqui temos que ponderar que “cultos” e “ritos”, para Kardec, se encaixam no que Geertz classifica como ritual:

comportamento consagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial – ainda que essa forma nada mais seja que a recitação de um mito, a consulta a um oráculo ou a decoração de um túmulo. (GEERTZ, 1978, p. 82).

Outra questão relevante é que o mesmo já havia demonstrado no passado a sua intenção de trazer esclarecimentos que pudessem acabar com as disputas religiosas e suas dissensões:

Nascido na religião católica, mas estudando em um país protestante, os atos de intolerância a que foi submetido por este motivo lhe fizeram conceber desde a idade de 15 anos, a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com a intenção de chegar à unificação das crenças. Contudo, faltava-lhe o elemento indispensável para a solução deste grande problema. O espiritismo, mais tarde, veio fornecer-lhe e imprimir uma direção especial a seus trabalhos. (LACHÂTRE, 1867, p. 199).

Nascido na religião católica, mas estudando em um país protestante, os atos de intolerância a que foi submetido por este motivo lhe fizeram conceber desde a idade de 15 anos, a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com a intenção de chegar à unificação das crenças. Contudo, faltava-lhe o elemento indispensável para a solução deste grande problema. O espiritismo, mais tarde, veio fornecer-lhe e imprimir uma direção especial a seus trabalhos. (LACHÂTRE, 1867, p. 199).

Kardec teve sua formação como pedagogo no famoso Instituto de Pestalozzi em Yverdon, na Suíça. Esse instituto, apesar de ter em seu quadro professores luteranos e calvinistas, procurava manter-se distante das querelas e paixões religiosas. Dava à Bíblia valor relativo e não demonstrava fervor às lições de catecismo (WANTUIL, 1984, p. 69). Tais pensamentos, por sua vez, são facilmente encontrados nas obras do Professor Rivail, bem como na sua obra como Allan Kardec.

Kardec demonstra seu incômodo com as disputas religiosas da seguinte forma:

se a religião devesse ser destruída pelo Espiritismo, é que ela seria destrutível e o Espiritismo mais poderoso. Afirmá-lo seria falta de habilidade, porquanto seria confessar a fraqueza de uma e a força do outro. O Espiritismo é uma doutrina moral que fortalece os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões; é de todas, e não pertence a nenhuma em particular. (KARDEC, [1862]/(2001)).

Na citação acima fica clara a necessidade de Kardec de trazer, portanto, uma harmonização entre os sentimentos religiosos, e evidencia que não era, então, sua intenção instituir uma nova religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir o aspecto religioso do Espiritismo não é tarefa fácil, aliás trabalhar com o conceito de religião também não o é. De um lado, a indefinição sobre o aspecto religioso do Espiritismo em meio a uma disputa de ideias que perfazem mais de um século e meio, do outro, a dificuldade de tratar o conceito de religião. Como se viu, os limites estabelecidos para dizer o que é ou não religião passam por um vasto leque de concepções, navegando entre duas etimologias possíveis, o relegere e o religare; uma de origem romana,

voltada para a adoração de diversos deuses, e a outra reconceituada como cristã. A religião não fica, porém, somente entre essas duas concepções, passando por outros pensamentos que poderiam se dizer intermédios ou, como disse Benson Saler, com “características típicas às quais associamos no nosso modelo geral de religião do que outras”, estabelecendo lugares mais ou menos “religiosos” (SALER, 2000, p. xiv). Praticamente todos esses conceitos podem ser englobados na afirmação de Geertz, de que todas as religiões se revestem de uma aura de fatualidade, dada por rituais que seriam, segundo ele, sua motivação central. (GEERTZ, 1978, p. 67).

No século XIX, para a maioria dos Europeus, isso tudo parecia correto e acertado, bastando apenas situar as religiões entre o relegere ou o religare. Quando se destacam os fenômenos espiritistas com os eventos de Hydesville e as mesas girantes na França, analisadas por Kardec, uma nova visão veio à tona, considerando a existência de “provas positivas da existência da alma, ou antes, da existência post-mortem de uma alma”, como afirma Eliade (1989, p. 61).

Allan Kardec, pois, surge com uma perspectiva científica baconiana e principalmente secular do que, até aquele momento, era apenas do domínio das religiões ditas tradicionais. O pedagogo francês propõe, em meio às revoluções do pensamento moderno do iluminismo, que o metafísico, outrora assunto das religiões ou da Filosofia, passe a ser assunto da Ciência, ou pelo menos da razão. A “fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.” (KARDEC, 2003, p. 246).

Procuramos neste artigo, portanto, demonstrar a visão Kardeciana a respeito da religião, de forma a contribuir com o meio acadêmico e o próprio meio espírita, que “sofre” com as diferentes correntes de pensamento dentro de seu próprio universo. O próprio posicionamento de Kardec, porém, evoluiu com o tempo e passou por uma fase que foi nomeada por ele próprio como um período religioso (ARAUJO, 2014, p. 218), particularmente quando publicou “O evangelho segundo o Espiritismo”. Segundo Araujo, as afirmações de Kardec com o tempo passaram por modificações, inclusive chegando a afirmar que o Espiritismo era, a seu ver, uma religião, em termos filosóficos, corroborando a ideia de Saler.

Assim, as religiões seriam compostas de um conjunto de características, das quais cada uma tomaria para si um pequeno subconjunto e, por assim dizer, existiriam áreas periféricas que são “menos comuns” às religiões, tidas como as maiores referências ocidentais de religião. Dessa forma, o hibridismo apontado por Araujo no Espiritismo que seria, segundo ele, um entrelugar, uma ponte entre a ciência e a filosofia com a

religião “tida como referência” (ARAUJO, 2010, p. 132), nada mais é, ao nosso modo de ver, no conceito de Saler, uma área periférica do conjunto de características das religiões apontadas por esse.

Por isso, não obstante tenha dito que a doutrina espírita não é uma religião propriamente constituída e que serviria como elemento aglutinante às diversas religiões (KARDEC, 2003). Retomando a definição de Geertz de religião, Kardec parecia não acreditar que fosse possível, em termos de religião, desvincular “um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens” de uma “formulação de conceitos de uma ordem geral” (GEERTZ, 1978, p. 67) não baconiana. Por essa razão, pelo menos naquele momento Kardec não acreditava que o Espiritismo pudesse ser uma religião, pois os ritos, os símbolos e os sacerdotes seriam características que estariam, segundo seu entendimento, sempre presentes na religião.

Por fim, entendemos que Kardec fez das famílias do Cristianismo (a Igreja Católica e a Igreja Protestante) como suas referências de religião, o que corrobora o pensamento de Saler. Dessa forma, em contraponto, afirmou que o Espiritismo não era uma religião, simplesmente por não possuir, ritos, símbolos ou sacerdotes, o que fica demonstrado como insuficiente. Concluímos que isso se deu por dois motivos: primeiro porque se para ele, de todas as doutrinas, o Cristianismo era a mais esclarecida e a mais pura, não haveria, portanto, razão para criar nova religião, e sim, agregar as “revelações dos espíritos” ao Cristianismo (ou a outras religiões que aceitassem as concepções do Espiritismo); e em segundo lugar, porque o mesmo não tinha a ideia de fundar uma nova religião, mas sim fornecer elementos para fazer “uma reforma religiosa, [...], com a intenção de chegar à unificação das crenças.” (LACHÂTRE, 1867). Intenção essa que parece ser cada dia mais inalcançável.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. C. D. Identidade e fronteiras do espiritismo na obra de Allan Kardec. Horizonte. V. 8. N. 16, jan./mar. 2010. Belo Horizonte: PUC-MG, 2010.

ELIADE, M. Origens: história e sentido na Religião. Portugal: Edições 70, 1989.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

LACHÂTRE, M. Nouveau Dictionnaire Universel: Pantheon Litteraire et Encyclopédie Illustrée. Tome Premier.

Paris: 1867. Obra Rara Digitalizada. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k506777/f201.item.r=rivail>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

KARDEC, A. Obras Póstumas. Trad. Guillon Ribeiro. 20. Ed. Brasília: FEB, 1984.

_____. O livro dos Médiuns. 20. Ed. 17. São Paulo: LAKE, 1998.

_____. O livro dos Espíritos. Trad. J. Herculano Pires. 64. Ed. São Paulo: LAKE, 2004.

_____. Revue Spirite: journal d'études psychologiques. Anos 1859, 1862, 1868. Trad. Salvador Gentile. São Paulo: IDE, 2001.

SALER, B. Conceptualizing Religion: Immanent Anthropologist, Transcendent Natives, and Unbounded Categories. New York: Berghahn Books, 2000.

WANTUIL, Z.; THIESEN, F. Allan Kardec: meticulosa pesquisa bibliográfica. V. 1. Rio de Janeiro: FEB, 1984.

NOTA DO AUTOR:

[A] Como órgãos unificadores do Espiritismo nos referimos ao movimento organizado pelos espíritas a partir da FEB – Federação Espírita Brasileira.

NOTA DO ECK:

[1] Resumo de trabalho apresentado pelo autor, sob o título de “Fé inabalável e razão: o significado de religião para Allan Kardec”, no Dossiê “Pentecostalismo e Política”. Belo Horizonte: PUC-MG, 2019.

